

É POSSÍVEL PARA REDIMIR-SE DA INSUFICIÊNCIA NA LITERATURA GUINEENSE NA SALA DE AULA ATRAVÉS DA POLÍTICA EDUCACIONAL: DESCOBRIR A SUA IMPORTÂNCIA DE APRENDÊ-LA PELA REVALORIZAÇÃO CULTURAL¹

Manga Sané²

Camila Caracelli Scherma³

RESUMO: A Guiné-Bissau é um país colonizado pelos portugueses e sofreu-se profundamente a opressão dos mesmos sobre o povo guineense, por outro lado, uma opressão que se vincula à política e a religiosidade dos mesmos logo a sua chegada ao território em 1446 até 24 de setembro de 1973, em que época, o PAIGC (Partido Africano Para a Independência da Guiné e Cabo Verde) proclamou a sua autonomia unilateral, a pós uma década de luta armada contra os colonizadores que tinham se posicionados em aniquilar supostamente todos os valores culturais guineense, nesta circunstância, essa política implantou-se entre guineenses, a cultura europeia, de uma forma radicalizada e ignora a cultura guineense. Neste âmbito, o trabalho mostra-se que é possível para redimir-se da insuficiência na literatura guineense na sala de aula através da política educacional: descobrir a sua importância de aprendê-la pela revalorização cultural. Neste contexto, com base no tema acima apresentado, assim, pretende-se, basicamente, a analisar às obras dos autores nos quais, hipoteticamente, podem sustentar na pesquisa, por exemplo, Bâ (2003); Ribeiro e Smedo (2011); Da Cruz e Dos Santos (2019). Nesta conjuntura, metodologicamente, realiza-se a pesquisa bibliográfica, a razão pela qual, opta-se por pesquisar artigos científicos, livros, romances etc. com intuito de compilar o objeto pesquisado. Neste cenário, pode-se perceber que a Guiné-Bissau, presumivelmente, os materiais didáticos são modelos da Europa e provavelmente que não condescende em nenhum momento da autenticidade da população local. Com isso, ao longo da pesquisa feita, pois, vale a pena reconhecer que a Guiné-Bissau como é um país constituído com multiétnico, plurilinguismo, étnico-cultural e multirracial, neste caso, é possível revalorizar todas as culturas para compilar nos materiais didáticos e usá-los como armas de persuasão com a finalidade de desconstruir a política dos colonizadores herdada das elites guineenses.

Palavras-chave: Guiné-Bissau. Insuficiência. Literatura Guineense. Revalorização Cultural.

¹Este artigo é parte da pesquisa de Mestrado desenvolvida com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

² Mestrando na área de Políticas Educacionais na Universidade Federal da Fronteira Sul (entrada 2022.2). Licenciado em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade Internacional da lusofonia Afro-brasileira (Entrada 2017.1) (2017-2022).

³ Doutora em Linguística. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul.

ABSTRACT: Guinea-Bissau is a country colonized by the Portuguese and suffered deeply from their oppression of the Guinean people, on the other hand, an oppression that is linked to their politics and religiosity as soon as they arrived in the territory in 1446 until 24 September 1973, at which time, the PAIGC (African Party for the Independence of Guinea and Cape Verde) proclaimed its unilateral autonomy, after a decade of armed struggle against the colonizers who had positioned themselves to supposedly annihilate all cultural values Guinean, in this circumstance, this policy was implanted among Guineans, the European culture, in a radicalized way and ignores the Guinean culture. In this context, the work shows that it is possible to redeem oneself from the insufficiency of Guinean literature in the classroom through educational policy: discovering its importance in learning it through cultural revaluation. This context, based on the theme presented above, thus, it is intended, basically, to analyze the works of the authors in which, hypothetically, they can sustain in the research, for example, Bâ (2003); Ribeiro and Semedo (2011); Da Cruz e Dos Santos (2019). In this conjuncture, methodologically, the bibliographical research is carried out, the reason why, it chooses to search scientific articles, books, novels etc. in order to compile the searched object. In this scenario, it can be seen that Guinea-Bissau, presumably, the teaching materials are models of Europe and probably that it does not condescend at any time to the authenticity of the local population. With this, throughout the research carried out, it is worth recognizing that Guinea-Bissau is a country constituted with multiethnic, plurilingual, ethnic-cultural and multiracial, in this case, it is possible to revalue all cultures to compile in didactic materials and use them as weapons of persuasion in order to deconstruct the colonizers' policy inherited from the Guinean elites.

Keywords: Guinea-Bissau. Failure. Guinean Literature. Cultural revaluation.

Nesta discussão, pode-se acumular nos seus saberes no que diz respeito à Guiné-Bissau, com base nas diversidades culturais, raciais e multiétnicas que originou o país a possuir, politicamente, um estado laico. Pois é de conhecimento geral aos guineenses sobre o mesmo, supostamente, o país está constituído pelas diversidades etnoculturais, religiosidades, assim como, a existência do plurilinguismo, nesta conjuntura, ter-se-á oportunidade para saber da importância sobre a literatura guineense na educação, relativamente, na sala de aula. E, supostamente, poder-se-á aparecer na réplica à política que colocou na educação guineense, a literatura, fora dos materiais didáticos, e, conseqüentemente, na sala de aula, ou melhor dizer, o artigo ir-se-á vislumbrar no que diz respeito à literatura guineense na sala de aula. Desta feita, é muito importante para discutir sobre a ausência do ensino da literatura guineense na sala de aula, e, também para tentar a saber o porquê que é suma importância para que os alunos guineenses aprendam à literatura guineense, com base nas diversidades culturais e dos grupos étnico-raciais, ou seja, para que se conheçam pelo meio das suas

identidades, qualidades, diversidades, resistências, histórias, literaturas, romances, poesias, poemas, epopeias, griots, releituras, não só, mas também, ao lado das suas sobrevivências etc. que o país adquiriu dos seus ancestrais para os seus verdadeiros herdeiros ao longo do tempo.

Se no caso, é verdade que todos esses valores fazem parte na realidade guineense, neste caso, por que não deveriam prevalecer aos cidadãos guineenses na política educacional, é lógico que os alunos precisam de conhecê-los para que possam se valorizar as suas identidades, por exemplo, quem não tem a capacidade para se enxergar, neste contexto, fica sempre olhando para a realidade de outrem. Foi o que os colonizadores portugueses implantaram nas mentes das elites guineense, para que o povo guineense não se olhar, e fica sempre segurando espelho para se espelharem nos colonizadores europeus, assim, para que o povo guineense faz sempre a cópia em colonizadores, sem ter a noção da criatividade. Essa política herdada e disseminada nas mentes das elites guineenses, supostamente, está se consumando nos valores culturais guineenses, que, presumivelmente, tirou fora da sala de aula, a literatura guineense, o sistema se engaja, diuturnamente, nas culturas europeias, porém, ignorando as culturas local, mesmo sabendo que o povo guineense se passou pelas máquinas-humanas de extremamente opressivas, e, por outro lado, de extremamente tirânicas reconhecidas pelas próprias elites guineense, de acordo com SANTOS (2019, p. 158), “[...] desvelar o papel dos organismos internacionais de desenvolvimento no processo de recolonização dos países de baixo desenvolvimento relativo por meio das representações negativas, analisando a atuação e intervenção dessas instituições no contexto do desenvolvimento da Guiné-Bissau”. ainda assim, as mesmas elites se acreditam no sistema opaco dos europeus, para que o povo guineense possa-se procurar pelo caminho para o progresso, que, na realidade, nunca não vai ser fácil para o mesmo. Porque hoje em dia, hipoteticamente, quase todos os materiais didáticos são modelos da Europa.

No entanto, os governantes guineenses deveriam saber que os alunos guineenses se precisam de aprenderem, profundamente, as suas realidades culturais, conseqüentemente, a literatura guineense, em vez de ficarem-se engajados no estudo das literaturas europeias. Conforme BÂ (2003, p. 174), “[...] nas primaveras costumávamos ir à noite para Kérétel para assistir os entretenimentos dos lutadores,

escutar os *griots* musicais, ouvir contos, epopeias e poemas”. Neste contexto, como alega o escritor maliano BÂ no seu romance intitulado (*Amkoullel, o Menino Fula*), e que na época, para eles, as aulas eram assim, aprendendo com os mestres das palavras no ar livre, de uma forma livre e espontânea. Neste âmbito, por suposição, pode-se perceber que a cultura de outro povo que não é a sua, por uma razão ou outra, tem uma vantagem na aquisição de aprendizagem adicional, na verdade, se o indivíduo não estudar para se conhecer a sua realidade cultural, e, para que possa abraçar a sua identidade, para que a pessoa possa saber ao meio de tudo, os verdadeiros valores, existentes, em si mesmo, presumivelmente, o que tudo indica, é que, nesta pessoa, falta à parte mais importante para aprender. Por outro lado, ao conhecer a realidade de outro povo sem entender a sua, essa atitude diante dos saberes humanos, hipoteticamente, não faz muito sentido, realmente, considerando o meio social e a identidade a que a pessoa pertence, tendo em conta, como uma pessoa culta que sabe decifrar as coisas, exclusivamente, deve saber, primeiro, às suas realidades culturais e naturais.

No entanto, presumivelmente, o país já adquiriu tudo o que era necessário para que houvesse uma política da educação voltada à realidade guineense, efetivamente, como foi destacado anteriormente, que a Guiné é um país multiétnico e multicultural, neste âmbito, para que a facilidade ao estudo e compreensão pela leitura aos alunos nos materiais didáticos tornassem de forma mais transparentes aos mesmos. Com isso, o sistema da política educacional deve mudar-se de rumo, com a finalidade de se reconhecer e se abraçar às culturas herdadas ao povo guineense sem a discriminação racial, uma vez que, a diversidade cultural é muito grande, pois nas escolas, em cada sala de aula, sempre se apresenta à diversidade étnico-racial e cultural. Neste contexto, cada grupo étnico comunica-se com a sua língua étnica muito diferente da outra, esse ambiente de extremamente diversificado, deveria ser aproveitado e aplicado nas políticas educacionais guineense, quer dizer, para que o sistema educacional adotasse todas essas culturas e aplicá-las nos materiais didáticos em cada nível da classe, essas políticas da representação cultural, poderia auxiliar nos alunos a conhecerem-se pelas leituras, pelas gravuras e pelas convivências de dia-a-dia. E, ainda, para dar-lhes uma motivação extraordinária, nas suas aprendizagens, uma vez que, tudo o que iriam estudar teria uma ligação, diretamente, no que praticam no dia-após-dia, porque entre aprendiz do ser humano e a sua cultura, por suposição, que não existe dicotomia entre

duas partes. Segundo SEMEDO e RIBEIRO (2011, p. 03), “[...] Guiné-Bissau é um país com uma grande diversidade étnica, linguística e cultural. [...] a sua história é quase sempre atrelada à memória da sua colonização Portugal e à história da presença europeia em África, como aliás acontece com a maioria dos países africanos.” Neste contexto, pode-se perceber que a política de colocar os valores culturais ao lado sem nenhuma consideração para tal. Pois, isso começou desde que os colonizadores portugueses pisaram no solo guineense e se disfarçaram que foram para Guiné com intuito de civilizar o povo guineense e que levaram Deus para os homens onde não existia. Para SEMEDO e RIBEIRO (2011, p. 03) “[...] há uma literatura de viagens que nos dá conta de périplos de navegadores, bispos e demais viajantes que se incumbiram de civilizar os africanos, levando a fé cristã aos gentios, escondendo por detrás da cruz e dos santos a espada da dominação e da exploração”. No que parece, de acordo com o que foi exposto acima citado, alegadamente, as razões das ideias apresentadas ao povo africano, foram inconvenientes ao que praticaram no continente africano, principalmente, na Guiné-Bissau.

Com base no sistema da educação guineense, na realidade, a política educacional está totalmente voltada à política educacional de Portugal que não compactua com possível aprendizagem dos alunos, neste âmbito, essa política educacional dever-se-ia estar à voltada para suas realidades culturais, como foi destacado no texto anteriormente, o sistema aplicado na educação guineense é de extremamente ignorante sobre os valores culturais que representam ao país num ponto culminante, por suposição, que têm a efetividade com os alunos. Mais, no que tudo indica, é que, depois que o país se tornou independente, presumivelmente, as pessoas cultas seguiram-se para frente, com intuito de inverterem-se os valores de forma mais radical e prepotente. Mas para reconstruir de novo os valores invertidos, nisso, foi o que Amílcar Cabral chamou de “reafricanização das mentalidades” no seu discurso à frente citado, porque as elites valorizam mais a cultura dos colonizadores, a relação das suas próprias culturas e as suas identidades. Segundo FREIRE (2014, p. 26), “[...] processo que se alonga no que Amílcar Cabral chamava de “reafricanização das mentalidades”. E isso implica a transformação radical do sistema educacional herdado do colonizador, o que não pode ser feito, porém, de maneira mecânica.” Essa prática existe claramente entre o povo guineense, uma vez que muitos já adquiriram à mente

colonizada dos antepassados que decidiam adotar de forma radicalmente a cultura dos colonizadores europeus sem nenhuma autoavaliação que, presumivelmente, poder-lhes-ia trazer uma verdadeira razão para que pudessem se reconhecer, mas, tudo era uma farsa por intimidar o povo guineense. De acordo com FREIRE (2014, p. 25), “Reproduzindo, como não podia deixar de ser, a ideologia colonialista, procurava incutir nas crianças e nos jovens o perfil que dele fazia aquela ideologia. O de seres inferiores, incapazes, cuja única salvação estaria em tornar-se “brancos” ou “pretos de alma branca”. Neste cenário, a política dos colonizadores praticada na Guiné-Bissau foi um jogo moldado pela religião de extremamente politizado para intimidação e a ignorância sobre valores culturais guineenses. Para FREIRE (2014, p. 83).

Na verdade, só na unidade dialética entre ensinar e aprender é que a afirmação “quem sabe ensina a quem não sabe” ganha sentido revolucionário. Quer dizer, quando quem sabe, sabe, primeiro, que o processo em que algo aprendeu é social; segundo, quando sabe que, ao ensinar o que sabe a quem não sabe, sabe também que dele ou dela pode aprender algo que não sabia, (FREIRE 2014, p. 83).

Pode-se perceber que na alegação do autor acima citado que se destacou entre a quem ensina e a quem está sendo ensinado, ou seja, o ato por ensinar requer à aprendizagem mútua entre quem ensina e a quem está sendo ensinado, alegadamente, que existe a reciprocidade entre professor e aluno, porque de qualquer das formas, quando a pessoa está preparada para ensinar algo a alguém, pela lógica, essa pessoa sabe que alguma coisa aprenderá com quem vai ensinar, pois, de um momento ou noutro, haver-se-á pela troca dos saberes, nessa ótica, já que existe o diálogo entre ambas, assim, pode-se perceber que o ato de ensinar compactua com o estímulo, relação, comportamento humano, e aculturação. Perceba que o processo de ensinar é uma prática recíproca e naturalmente, por isso, quem realmente sabe ensinar, provavelmente, aceita-se a diversidade cultural, pelo contrário, o que os colonizadores portugueses fizeram aos colonizados guineenses. De acordo com FREIRE (2014, p. 14), [...] “desenhando o mundo”, a presença, entre as massas populares, da expressão de sua cultura que os colonizadores não conseguiram matar, por mais que se esforçassem para fazê-lo, tudo isso me tornou todo e me fez perceber que eu era mais africano do que pensava.” Neste contexto, o autor disse que se sentiu sendo africano, porque na altura, ele sabia que estava inserido num ambiente totalmente diferenciado entre no qual ele costumava a viver, mas percebeu que para que ele aprendesse algo com o povo

africano, neste caso, ele teria que resolver a se entregar de corpo e alma, ou melhor, ele se moldou com a cultura do povo africano, assim, para que tudo tornasse mais fraterno para a sua aprendizagem mútua junto com o mesmo. Mais uma vez, diferentemente do que os colonizadores europeus praticaram com o poder autocrático sobre o povo africano, tentando matar os valores culturais africanos, principalmente, a cultura guineense.

Outrossim, pode perceber-se que os colonizadores portugueses tinham-se na mente de que o povo guineense não tinha o passado, ou melhor dizer, pensavam que o povo guineense não tinha a história pelo fato que não havia arquivos de registros históricos, assim, hipoteticamente, pensavam que tudo começou logo a sua chegada ao território guineense, pois, agiram como se fosse uma grande oportunidade para que o povo guineense comesçassem a reescrever a sua história, a sua literatura, a sua crença, a sua língua, a sua dança e a sua música, etc. porque para eles foram para a Guiné a disposição de civilizar o povo guineense e para que tudo comesçasse a renascer com o mesmo. Para FREIRE (2014, p. 25).

Mais do que descaso, a negação de tudo o que fosse representação mais autêntica da formação de ser dos nacionais: sua história, sua cultura, sua língua. A história dos colonizados “começava” com a chegada dos colonizadores, com sua presença “civilizatória”; a cultura dos colonizados, expressão de sua forma bárbara de compreender o mundo. Cultura, só a dos colonizadores. A música dos colonizadores, seu ritmo, sua dança, seus bailes, a ligeireza de movimentos de seu corpo, sua criatividade em geral, nada de isso tinha valor, FREIRE (2014, p. 25).

Como alega o autor acima citado, os colonizadores assentavam-se que o povo guineense não tinha tido a capacidade criativa, tanto individual quanto coletivo, para que pudessem se desenvolver uma literatura com base nas suas línguas étnicas, pois tinham como uma justificativa que não havia registros históricos, aliás, que não havia escrita que poderia consolidar na história sobre passado, neste contexto, a compreensão deles no que diz respeito à capacidade criativa do povo guineense, era seguinte: que o povo guineense era obrigado a aceitar, de uma forma radicalizada, a ser civilizado dos mesmos, como se fosse a única possibilidade de ser civilizado era aceitar a proposta dos mesmos, assim, para que o povo guineense tivesse os colonizadores portugueses como a única referência civilizatória e para que comesçassem a reescrever tudo de novo, neste contexto, concernente à sua história com uma nova cultura europeia.

A Guiné-Bissau é um país posto na costa ocidental de África, puxa-se, no litoral, desde o Cabo Roxo até a ponta Cagete. (...) fronteira, a norte, com o Senegal, a este e sudeste com a Guiné e a sul e oeste com o Oceano Atlântico, (acesso no site, online).



⁴Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Mapa-politico-administrativa-da-Guine-Bissau-Fonte_fig1_331162919 acesso no dia 24/03/2023.

A Guiné-Bissau constitui-se em muitos grupos étnicos que se tornou um país multiétnico, multilinguismo e multirreligioso, a razão pela qual, se tornou um país laico e independente, outrossim o país se dividi geograficamente em oito (o8) regiões, nomeadamente, que são: Quinara, Tombali, Biombo, Bafatá, Gabú, Oio, Cacheu, e Bolama Bijagós, mais o Setor Autónomo de Bissau (SAB), justamente que é o atual capital da Guiné-Bissau. Em termo de extensão territorial: 36.125 km². Clima: Equatorial. Governabilidade: Republicano Presidencialismo, antecipadamente em 1984. Localiza-se na África Ocidental. De acordo com Relógio da população da Guiné-Bissau, o país tem 2.100.744 população atual. ⁵ (acesso online: <https://countrymeters.info/pt/Guinea-Bissau>).

⁴ O mapa da Guiné-Bissau, um país africano que fica na costa ocidental da África.

⁵ <https://countrymeters.info/pt/Guinea-Bissau>

Acontece ainda que, o país apresenta-se às diversidades culturais e étnico-raciais, neste contexto, o país se possui do mínimo 30 etnias, por exemplo: os Fulas, os Mandingas, os Balantas, os Mancanhas, os Papeis, os Biafadas, os Manjacos, os Baiotes, os Bijagós, os Banhuns, os Brames, os Cassangas, os Felupes, os Nalus etc. essas classes etnoculturais que apresentam-se às culturas e às línguas muito diferentes entre uma língua a outra, nesta conjuntura, para os guineenses, no que diz respeito à aprendizagem na língua portuguesa, supostamente, o processo da aquisição para a segunda língua (L₂), neste desempenho, muitas das vezes, apresentam-se algumas diferenças, foneticamente, pela pronúncia de algumas palavras em português, nomeadamente, no momento em que se falam ou escrevam, para eles, psicologicamente, devem pronunciar-se pelo jeito deles e costume à movimentação da língua no meio da boca no momento da alteração da fala na língua nova, para os guineenses, o caso do português é uma língua adicional (L₂), neste caso, de qualquer das formas, a primeira língua (L₁), automaticamente, interfere-se na aprendizagem dos mesmos sem dar à conta que existe uma interrupção na pronuncia ou na própria fala, pois é lógico que pode existir o sotaque no momento da fala, ou no momento da escrita, através de hábito da reflexão cognitiva na memória dos aprendizados, mas a verdade sobre o sotaque é que nenhum sotaque, linguisticamente, não é melhor de que o outro, principalmente na fala das pessoas, pois entre o sotaque e a língua não existe dicotomia. Motivos pelos quais, as pessoas levam a cabo a gerir-se as complicações com as aprendizagens dos alunos, porque o dialeto é uns dos casos mais sensíveis que existe em cada ser humano, outrossim, a questão sobre a língua, faz a parte na cultura do ser humano, ou seja, a língua é uma parte que representa à individualidade de cada ser social.

Levando-se em conta ao que foi observado neste capítulo, ao que tudo indica é que há a possibilidade de os próprios cidadãos serem protagonistas para reformular os materiais didáticos guineenses, de uma forma politicamente sólida e harmoniosa. Pois, essa política herdada dos colonizadores portugueses que possivelmente ignora todas as realidades da população local, na realidade, essa política educacional herdada, supostamente, não condescende com a veracidade guineense. Neste âmbito, deveria haver o processo de reafricanização nas mentalidades das elites guineenses, porque seria necessário remodelar a política educacional eurocêntrica aplicada na educação,

usando os materiais didáticos como armas de persuasão que, hipoteticamente, poderia adotar o sentido revolucionário na aprendizagem dos mesmos, de forma reconstrutiva, sólida e harmoniosa, de uma maneira ou outra, que poderia reconhecer-se os valores culturais da população local sem nenhuma discriminação entre as raças, também para que os alunos possam se respeitar e aceitar as suas identidades com base nas suas aprendizagens compartilhadas na sala de aula, isso quer dizer, levando em consideração à cultura de cada etnia que faz parte na composição com a realidade guineense. Neste caso, o que tudo indica é que, o povo guineense tem os seus valores culturais que podem compilar uma boa parte nos materiais didáticos sem causar à aprendizagem dos alunos, para que os mesmos saibam que existe uma literatura guineense que abrange todas as realidades que constituem o povo guineense, porém, deixando ao lado a política educacional eurocêntrica que possivelmente pode desvinculá-los da realidade guineense, não só, mas também para que possuíssem-se da sua liberdade de expressão, ação e de se reconhecerem perante dos valores culturais que herdaram dos seus ancestrais, usando a literatura para desconstruir a política eurocêntrica de uma forma paulatinamente na sala de aula.

Outrossim, a Guiné-Bissau é um país que tem sofrido com instabilidade política, principalmente na área educacional, isso quer dizer, desde que o país se tornou independente, nesta conjuntura, a Guiné se depara com sucessivas consequências que originou o país a não se consolidar na área educacional, não só por causa dessas consequências políticas, mas também, sobretudo uma outra política dos governantes que se originou um grande abandono e retrocesso educacional, isso quer dizer, depois da luta armada que deixou o país com baixo índice da educação pública guineense e se tornou caos que pela lógica deveriam dar a prioridade à educação pública ao meio de investimento salarial aos professores e à infraestrutura escolar, isso quer dizer que, para que a educação pública seja uma referência educacional no país, mas infelizmente, os dirigentes do mesmo fizeram tudo contrário, porque hipoteticamente manuseiam o recurso de próprio país para necessidades particulares, por exemplo, os políticos costumam colocar os seus filhos nas escolas privadas ou mandar-lhes na diáspora para estudarem nas boas universidades, neste cenário, se optam por não coloca-lhes nas escolas públicas para estudo por séries de motivos, ao título do exemplo, para eles, educação pública não é uma referência aos seus filhos, neste caso, vale a pena perguntar

o seguinte: quem seria o principal culpado que colocou a política educacional do país naquela situação miserável? É óbvio que seriam os próprios dirigentes do país (os políticos). Além disso, voltando para trás, dizendo que o país herdou dos colonizadores portugueses um número muito baixo de alfabetizados, e que tudo indica é que a taxa de analfabetismo era muito alta que originou a política educacional guineense se debruçar de forma veementemente no sistema educacional eurocêntrico, isso quer dizer, desde muito cedo, mas, infelizmente, que não compactua com possível à realidade do povo guineense. Por outro lado, pode-se perceber também que o país está constituído entre diversas etnias e ao mesmo tempo, existência da diversidade cultural que supostamente poderiam ser aproveitados para os fins de aprendizagem dos alunos na educação pública guineense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel: o menino fulo**. Casa das Áfricas, 2003.

RIBEIRO, Margarida Calafate; SEMEDO, Odete Costa. *Literaturas da Guiné-Bissau: cantando os escritos da história*. 2011.

DA CRUZ, Maria do Carmo Rebouças; DOS SANTOS, Ferreira. A Recolonização da Guiné-Bissau por Meio das Representações Negativas Realizadas pelos anismos Internacionais de Desenvolvimento: de “Estado Frágil” a “Narco-Estado”. **Desenvolvimento em Questão**, v. 17, n. 47, p. 156-178, 2019.

<https://www.google.com/search?q=situa%C3%A7%C3%A3o+geografica+da+guin%C3%A9+bissau&oq=situa%C3%A7%C3%A3o+geogr%C3%A1fica+da+&aqs=chrome.l.69i57joi512joi22i3ol8.11256joj4&sourceid=chrome&ie=UTF-8> Acesso online no dia: 24/03/2023